

## **Misiones ante o avanço brasileiro: a fronteira Brasil-Argentina na visão de Juan Bautista Ambrosetti (1891-1894)**

**Bruno Pereira de Lima Aranha <sup>1</sup>**

### **O avanço da fronteira na Argentina oitocentista <sup>2</sup>**

Situada no nordeste da Argentina, Misiones é a província mais oriental do território argentino e uma das que mais tardiamente se integrou no processo de construção do Estado nacional, tendo em conta o contexto político de anexação dos territórios ao norte e sul de Buenos Aires que ainda não estavam sob o controle efetivo do Estado durante o século XIX. Faz parte da região conhecida como “Mesopotâmia argentina”, justamente por se localizar entre os rios Paraná e Uruguai, rios estes que também demarcam a fronteira entre Misiones e dois países limítrofes à Argentina: respectivamente Paraguai (departamentos de Itapuá e Alto Paraná) e Brasil (sudoeste do estado do Paraná, oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul). Também se encontra inserida nas regiões fisiográficas do Alto Paraná e do Alto Uruguai.

Misiones passou a ter importância para Buenos Aires devido à descoberta de importantes extensões de erva-mate em seu território, o que despertou um grande interesse, tendo em conta ao valor comercial desse artigo, sobretudo no final do século XIX. <sup>3</sup> A partir desse interesse, o governo central de Buenos Aires iniciou um processo de federalização do território com a intenção de subordiná-lo diretamente ao governo nacional, <sup>4</sup> o que ocorreu no ano de 1881, com a criação do Território Nacional de Misiones. Foi somente em 1953 que Misiones se tornou uma província argentina.

No fim do século XIX, durante o processo de federalização e ocupação desse território, considerado “periférico” mas de certo modo estratégico, pelo governo de Buenos Aires, várias expedições e viagens foram patrocinadas pelo governo argentino, em busca de

---

<sup>1</sup> Mestre em Integração da América Latina pelo PROLAM-USP. Graduado em História pela Universidade de São Paulo. E-mail: [bruno.aranha@usp.br](mailto:bruno.aranha@usp.br)

<sup>2</sup> Agradeço a Bruno de Almeida Gambert pela leitura e pelos comentários que realizou durante a elaboração deste texto.

<sup>3</sup> Até então a Argentina era totalmente dependente da importação da erva-mate brasileira; com a descoberta dos ervais em Misiones, paulatinamente a produção argentina foi tornando-se autossuficiente. Cabe ressaltar que nessa época a exploração da erva-mate consistia numa forma de produção extrativista. Somente na década de 1920 é que foram desenvolvidas técnicas do cultivo da erva-mate.

<sup>4</sup> A região de Misiones foi ocupada pelos jesuítas entre os séculos XVII e XVIII. Após a expulsão da ordem religiosa, foi dominada por caudilhos regionais, além de também ter sido ocupada pelo Paraguai. Antes da federalização, fazia parte do território da província de Corrientes.

maiores informações e relatos sobre essa área de fronteira, ainda pouco explorada, e que de acordo com a mentalidade da época, era passível de desenvolvimento econômico.

O imaginário sobre as fronteiras era algo comum às novas nações americanas dotadas de grandes espaços internos. Concomitante ao processo argentino de alargamento de suas fronteiras internas, o historiador estadunidense Frederick Jackson Turner pensou a história dos Estados Unidos a partir da história da fronteira. Para ele, o avanço da fronteira no sentido oeste é o que, ao mesmo tempo, explica e dá uma conotação singular à formação do país. (TURNER, 2004, pp. 23-54) Era também uma luta da civilização contra a barbárie, onde a fronteira do desenvolvimento econômico teria de avançar e conquistar tudo o que representava atraso, o que autor também considerava como barbárie.

Nesse caso, encontramos uma similaridade entre o modelo proposto por Turner para explicar os Estados Unidos e o projeto de nação pensado pelo presidente argentino da época, Julio Roca,<sup>5</sup> cujo objetivo foi o de avançar as fronteiras em direção ao sul (Patagônia) e ao norte (Chaco e Misiones) de Buenos Aires.

Vemos que a problemática que envolvia a fronteira era de alta significância na Argentina do século XIX. Não foi por acaso que um militar encarregado do comando de postos de fronteira tenha chegado à presidência. Misiones estava inserida nesse contexto fronteiriço, já que se tratava da fronteira nordeste da nação, além de ser também uma zona que estava em litígio com o Brasil.

Sendo assim, a nacionalização desse território demandava um esforço urgente por parte de Buenos Aires. A Argentina reivindicava um território bem maior para o que ela considerava como parte de Misiones. Esse território incluía partes do território brasileiro onde hoje se situam as partes oeste dos estados de Santa Catarina e Paraná. Para resolver esse problema de litígio de fronteira, foi convocada uma arbitragem internacional sob o auspício do presidente dos Estados Unidos, Stephan Grover Cleveland, que arbitrou em favor do Brasil, assinando o Tratado de Palmas em 1895, estabelecendo assim a linha de fronteira que perdura até os dias de hoje.

---

<sup>5</sup> A trajetória de Roca está intimamente ligada à questão fronteiriça. Entre 1870 e 1874, foi *jefe de fronteras* na província de Córdoba. Até 1878 atuou como *comandante general de fronteras* na cidade de Río Cuarto, província de Córdoba, importante posto fronteiriço e “zona de contato” onde frequentemente ocorriam conflitos entre criollos e indígenas desde o período colonial. Foi nomeado *Ministro de Guerra y Marina* em 1878, sendo o artífice da *Campaña al Desierto* na fronteira sul argentina. (OLMEDO, El silencio militar en la frontera del Río Cuarto a mediados del siglo XIX. Una clave para comprender el conflicto, v.4, nº 2 - 2006) Sobre o conceito de “zona de contato”, ver: (PRATT, 1999)

A criação do Território Nacional de Misiones era também uma questão geopolítica, já que foi considerada como uma resposta de Roca ao Império do Brasil que havia criado colônias militares no lado brasileiro da fronteira. (MONIZ BANDEIRA, 2004, p. 44)

Mapa argentino datado de 1882 onde o então Território Nacional de Misiones incluía as áreas a leste dos rios San Antonio e Pepirí Guazú, equivalentes atualmente às partes oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina.



Fonte: (AMABLE, ROJAS, & BRAUNIG, *Historia Misionera: una perspectiva integradora*, 2011, p. 154)

A expansão das fronteiras também respondia aos anseios de uma classe dirigente argentina em contínua expansão. A crescente rentabilidade agropecuária na região dos pampas decorrente das exportações de carne e cereais para a Europa implicava na conquista de novas terras em nome dessa classe dirigente. Esse modelo agroexportador privilegiava a região dos pampas ao sul de Buenos Aires, dotado de clima temperado e de uma geografia ideal para o desenvolvimento de tal modelo produtivo. O desenvolvimento desse processo guardou estreita relação com um processo paralelo de desenvolvimento de um mercado interno que veio atender à demanda proporcionada pelo crescente poderio da elite pecuarista portenha. Dessa maneira, províncias até então dotadas de economias isoladas se inseriram nessa lógica do mercado interno. Misiones, detentora de uma grande área abundante em erva mate, se inseriu nessa lógica na qual o consumo interno da erva se acentuou cada vez mais no período. (ZOUVI, 2010, p. 3)

Os ingredientes para justificar o discurso do avanço da fronteira nordeste estavam colocados em cena: por um lado, a abundância da erva mate em Misiones possibilitava que a Argentina aspirasse a uma produção autossuficiente desse artigo.<sup>6</sup> Por outro lado, a ameaça do país vizinho também pairava no ar, o que gerava um problema geopolítico que demandava uma urgente presença efetiva do Estado Argentino nessa região.

### **O viajante a serviço da pátria**

Durante a gestão do presidente Roca, emergiu um amplo ambiente intelectual que alicerçou as diretrizes do seu governo. Essa geração que posteriormente foi denominada pela alcunha de *Generación del 80*,<sup>7</sup> defendia posturas positivistas, simbolizando sua atuação com o lema de Auguste Comte, de ordem e progresso. Acreditavam cegamente no progresso, identificando tal conceito com o crescimento econômico e com o advento da modernidade.

Esses ideais se encontravam em total consonância com as diretrizes do governo de Roca. Foi em meio a esse contexto que se inseriram as expedições de vários viajantes que partiram de Buenos Aires rumo a Misiones. Levar a civilização e o desenvolvimento para uma região de fronteira, ainda considerada como bárbara e atrasada, era uma tarefa que julgavam realizar em nome da pátria.

Um desses viajantes era Juan Bautista Ambrosetti, membro da alta sociedade portenha da época. Seu pai era italiano, proprietário de terras em várias regiões do interior argentino, tendo chegado também a ser presidente do *Banco Italiano del Río de la Plata*.

Desde a mais tenra infância Ambrosetti foi um aficionado por História Natural. Aos 17 anos foi aceito como membro ativo da *Sociedad Científica Argentina* pelo naturalista alemão Carlos Berg,<sup>8</sup> então presidente dessa instituição científica. Tendo a idade de 20 anos, realizou sua primeira expedição científica rumo ao interior da Argentina. A convite do Capitão Antonio Romero, dirigiu-se para o norte da Província de Santa Fé, região conhecida como *Chaco Santafesino*. O resultado dessa expedição foi publicado na obra *Viaje de un Maturrango*.

---

<sup>6</sup> Para que se tenha uma ideia da dimensão da dependência das importações de erva mate brasileira, cabe assinalar que no ano de 1860 foram importadas 5.018.488 kg de erva do Brasil. Doze anos depois esse número subiu para 16.359.974 kg. Somente na década de 1930 do século seguinte é que a Argentina se tornou autossuficiente em matéria de erva-mate. (BOLSI, 1980, p. 128)

<sup>7</sup> A utilização do conceito da *Generación del 80* - a qual também utilizamos aqui - começou a ser usado na historiografia argentina a partir da década de 1920. Utilizamos tal conceito para efeito de um enquadramento temporal, já que na prática, tal conceito abarca um grupo vasto e heterogêneo dentro do âmbito político e intelectual de Buenos Aires. (BRUNO, 2004)

<sup>8</sup> Naturalista alemão que chegou a Argentina em 1873, a convite do escritor e então presidente Domingo Faustino Sarmiento, para lecionar na *Academia Nacional de Ciencias de Córdoba*, tendo desenvolvido toda a sua carreira intelectual na Argentina até a sua morte em 1902.

Sua precoce inserção no meio científico argentino lhe rendeu a indicação do conhecido naturalista argentino Pedro Scalabrini para o cargo de diretor do *Museo de Historia Natural de Paraná*, capital da província de Entre Ríos. Após cinco anos de trabalho no Museu, voltou a Buenos Aires. Animado pelo contexto das expedições científicas da época, empreendeu várias viagens para diversos pontos do território argentino.

No entanto, Misiones reservou destaque especial para Ambrosetti, tendo empreendido três viagens para essa região, tendo as mesmas dado origem a três relatos distintos. Paralelamente aos relatos de viagem, publicou uma vasta obra de estudos etnográficos dos povos aborígenes da região. Esses estudos pioneiros fizeram com que fosse mais tarde reconhecido como um dos pais da antropologia latino-americana.

A primeira viagem a Misiones é datada de setembro de 1891, tendo explorado a região até fevereiro do ano seguinte. O relato foi publicado em 1892 na *Revista del Museo de La Plata* sob o título de *Misiones Argentinas y Brasileñas por el Alto Uruguay*. Como o próprio título já indica, o Brasil teve lugar de destaque no relato. Ambrosetti saiu de Buenos Aires e subiu até Misiones pela via do rio Uruguai, rio este que demarca a fronteira com o Brasil. Sendo assim, realizou incursões para o lado brasileiro em diversos momentos, dando um enfoque especial para a Colônia Militar do Alto Uruguai, criada pelo Império Brasileiro em 1879.<sup>9</sup> A região do Alto Paraná foi pouco citada nesse primeiro relato, mas as outras duas expedições tiveram foco total nessa região, com destaque particular para a parte oriental de Misiones, zona de fronteira com o Brasil. Nessas duas viagens o itinerário consistiu em subir pelo rio Paraná a partir de Buenos Aires.

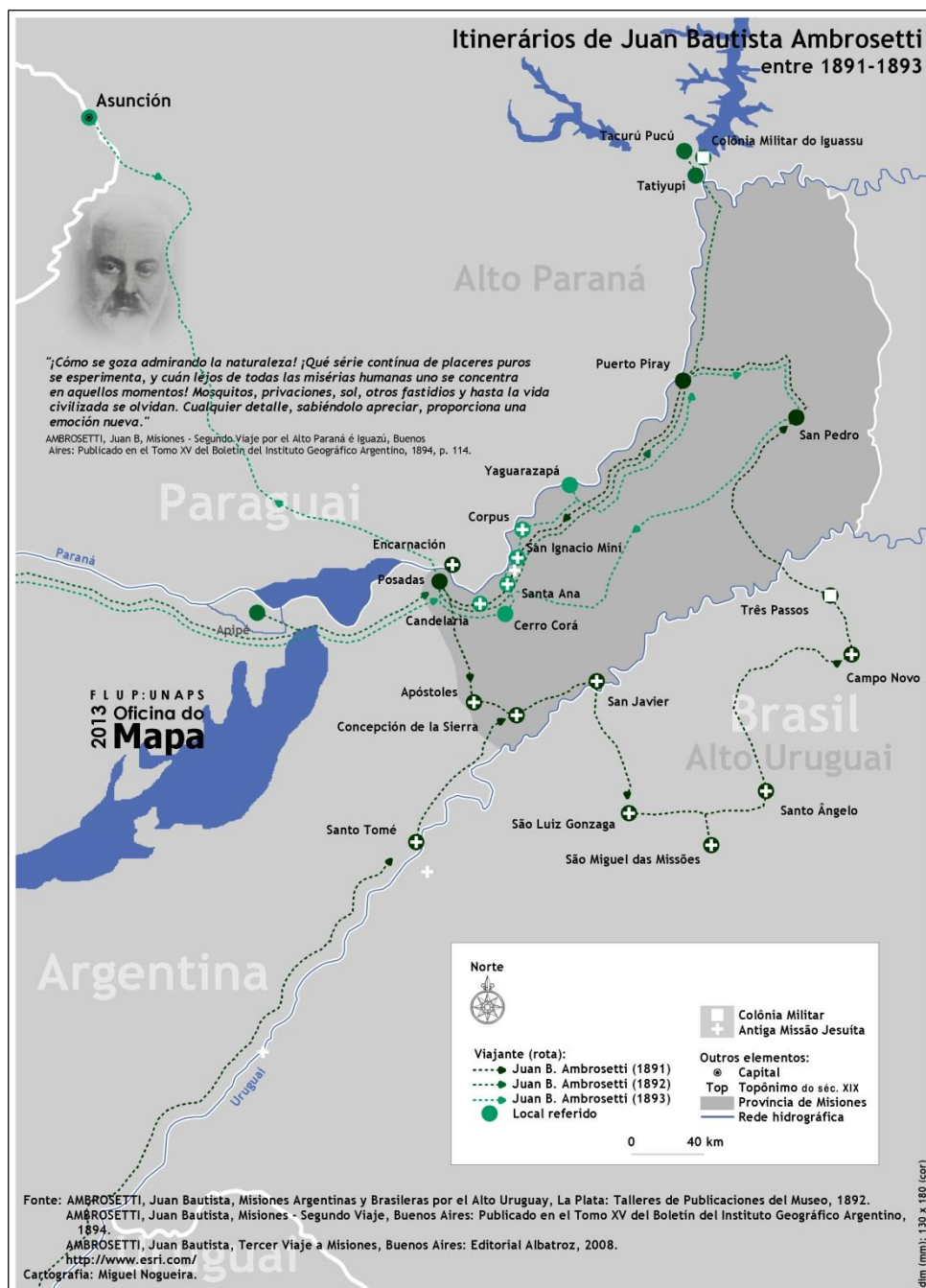
A segunda viagem foi realizada em 1892, sendo parte da *Expedición Nordeste del Museo de La Plata*. Devido às credenciais obtidas graças à primeira expedição, Ambrosetti foi incumbido da direção da expedição do referido museu, que ainda era composta pelo francês Emilio Beaufils, responsável pela parte zoológica, e pelo pintor suíço Adolfo Methfessel, responsável pela elaboração de pinturas que posteriormente seriam incorporadas ao acervo do Museu. O segundo relato foi publicado apenas em 1894 sob o título de *Segundo Viage a Misiones por el Alto Paraná é Iguazú*.

A terceira expedição teve lugar entre fevereiro e julho de 1894. Além de Ambrosetti, compunham a expedição Juan M. Kyle, do Gabinete de História Natural, e Carlos Correa Luna, gerente dessa mesma instituição. Foi patrocinada pelo *Instituto Geográfico Argentino* com a finalidade de completar dados sobre a região e colecionar objetos para o acervo do Museu que o

---

<sup>9</sup> Atualmente corresponde à cidade gaúcha de Três Passos.

Instituto estava preparando. A expedição teve o apoio e o aval do presidente Luis Sáenz Peña,<sup>10</sup> que concedeu passagens até a localidade paraguaia de Tacurú Pucú, no Alto Paraná, além de uma soma de seiscentos pesos. O relato da expedição foi publicado em 1895 pelo *Instituto Geográfico Argentino* sob o título *Tercer Viaje a Misiones*.



A metodologia utilizada neste trabalho vai de encontro ao que se vem produzindo na historiografia sobre os viajantes do século XIX. Como mostra Miriam Moreira Leite, os

<sup>10</sup> O presidente Luis Sáenz Peña ascendeu ao poder em 1892, com o apoio de Roca. Mais adiante, devido a divergências com o mesmo, foi pressionado a renunciar ao cargo em 1895.

relatos de viagem até a década de 1970, eram utilizados como fontes sem passar por uma maior análise crítica. (LEITE, 1997) Por isso enxergamos a necessidade do relato passar por uma maior análise crítica, pois cada viajante possui suas intencionalidades e são marcados profundamente pelo contexto histórico no qual estão inseridos. As representações que o viajante realiza sobre a fronteira misionera são de primordial importância nessa pesquisa, que também leva em conta as intencionalidades evidenciadas nas entrelinhas do discurso do viajante e nos seus interesses particulares que mobilizaram suas representações.

### **O Alto Uruguai**

A fronteira política entre Argentina e Brasil na região do Alto Uruguai já representava uma fronteira consolidada desde a assinatura do Tratado de Madri em 1750, que assinalava que o rio Uruguai demarcava primeiramente a fronteira entre os domínios de Espanha e Portugal, e mais tarde entre Argentina e Brasil. Não havia, portanto, litígio de fronteira nessa região quando Ambrosetti a visitou pela primeira vez, mas a questão militarista presente no lado brasileiro chamou bastante atenção de Ambrosetti no momento de sua chegada à cidade gaúcha de Uruguaiana:

*Uruguayana, como todas las ciudades brasileiras, tiene un tinte sui-géneris (...) tiene algunos edificios notables, como la Municipalidad, el gran cuartel que se halla en los suburbios (...) no se veían sino aprestos militares. Allí están siempre de guarnición un regimiento de infantería y otro de caballería... (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 8)*

Tal aspecto continuou chamando a atenção do viajante no decorrer de sua visita às demais localidades gaúchas que margeiam o rio Uruguai, assim registrou durante a sua estada em Itaqui e São Borja:

*(...) llegamos al pueblo brasileiro de Ytaqui; lo que llama en él la atención, es el gran arsenal y la escuadra brasilera que se halla allí fondeada. (...) y al otro día de mañana anclamos en San Borja (...) En San Borja hay también otro gran cuartel como el de Uruguayana, teniendo de guarnición un regimiento de caballería. (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 9)*

Para além das cidades militarizadas, havia a questão da Colônia Militar do Alto Uruguai, cuja finalidade era a de guardar a fronteira nessa região, uma localidade dedicada exclusivamente para este fim. Não é de se surpreender que o viajante tenha reservado todo um capítulo intitulado “*La Colonia Militar*” para descrever a colônia militar com dados minuciosos a respeito de sua localização, organização e ocupação. Tratava-se de informações

preciosas no que tocava à geopolítica e que deviam ser endereçadas às autoridades de Buenos Aires, no sentido de alertá-las ante o expansionismo brasileiro na região. A colônia não se localizava exatamente às margens do Uruguai, localizava-se mais ao interior, sendo conectada até o rio por uma picada, caminho este descrito pelo viajante com uma ênfase no que toca à organização e zelo por parte das autoridades militares brasileiras.

*La region del monte cerrado, impenetrable, empieza allí para concluir en el Uruguay y teníamos que atravesarla por la picada, carretera de nueve leguas de 60 cuadras cada una y de un ancho de 12 metros.*

*Fue abierta por los ingenieros militares del ejército brasileiro y el gobierno tiene votada una suma anual para su compostura y limpieza, así es que en todo tiempo es transitable. (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 62)*

As notas relativas à posição defensiva da colônia registravam informações a respeito da dificuldade de se atacar a localidade, que contava com um sistema natural de defesa que dificultaria qualquer eventual ataque por parte da Argentina:

*(...) Llegamos á los Apretados, siendo ya de dia. Es un lugar único en su género; para comprenderlo bien, es necesario compararlo á un inmenso terraplan de mas de 100 metros y con caídas á uno y otro lado, sumamente grandes y rápidas; esta obra de la naturaleza hace que en caso de cualquier evento la Colonia Militar está defendida por tierra ; con atajarla picada en este punto es imposible la entrada por allí. (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 63)*

Ambrosetti não deixou de descrever o modo de vida dos colonos que residem na colônia militar, enfatizando o suporte dado pelo governo brasileiro no tocante ao uso da terra para fins agrícolas:

*El Gobierno se há reservado la propiedad de todos los terrenos del pueblo. Los colonos pueden gozarlos mientras viven en él (...) también se muestra muy protector de ellos; estos no solo tienen la tahona á su disposición sino también cuanta herramienta pueden necesitar, bueyes, útiles, carros, etc, y á los 3 años de estar establecidos, el título de propiedad de sus chacras para que no puedan ser molestados mas.*

*Además los colonos tienen médico y botica gratis (...) (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, pp. 64-65)*

Embora o viajante registrasse alguns aspectos da vida cotidiana da colônia, o que mais lhe chamou a atenção era o seu aspecto militar. No entanto, a postura militarista por parte da



“República da Espada”, então vigente no Brasil, era motivo de críticas, já que, segundo ele, não havia nada a ser atacado na costa argentina que seguia deserta e sem povoamento.

Se por um lado, Ambrosetti assinala que um ataque por parte do Brasil seria desastroso para eles próprios - “*en caso de un conflicto sería para ellos como salir de la sarten para caer en el fuego*” (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 66) - o viajante deixar transparecer o fato da Argentina estar atrasada no processo de ocupação da fronteira no Alto Uruguai. O mérito dos brasileiros não era apenas o de guarnecer a fronteira, mas sim de ocupá-la com elementos nacionais:

*La Colonia Militar fué fundada por iniciativa del Baron del San Jacob, Coronel Diniz Dias, quien se empeño con el Gobierno Imperial, siendo decretada su fundacion en 1879.*

*El fin de esta Colonia no fuè simplemente la Agricultura, sino mas bien politico bajo el punto de la Estrategia Militar, segun ellos, pero yo no veo qué importancia estratégica puede tener, cuando cerca no hay poblaciones, la Costa Argentina desierta é inaccesible (...)*

*El único beneficio que reporta esa Colonia es empezar á poblar la región del Alto Uruguay, honor indiscutible que corresponde á los Brasileros; no por la prioridad, sino por la forma que lo han hecho.* (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, pp. 65-66)

O geógrafo argentino Alfredo Bolsi nos mostra em números o que diz respeito a diferença demográfica entre os dois lados da fronteira no Alto Uruguai naquela altura. Enquanto todo o território argentino de Misiones não alcançava 35 mil indivíduos, apenas o Rio Grande do Sul já computava 170 mil habitantes. (BOLSI, 1980, p. 137)

No caso argentino, a marcha do progresso rumo a um território de fronteira, obscuro e desconhecido conflitava com a seguinte situação: a falta de povoamento sedentário. O viajante considerava a ocupação desse território como uma necessidade de primeira ordem. Estabelecer núcleos urbanos era uma premissa essencial para se atingir o estágio da civilização.

Considerando a perspectiva positivista da época, a baixa densidade demográfica era vista como um empecilho para o progresso. Augusto Comte afirmava que em um ambiente com baixa densidade demográfica, não seria possível o desenvolvimento do intelecto ideal para o progresso. Uma região com população esparsa estaria condenada a uma “subalternidade primitiva” (COMTE, 1989, p. 143 apud GALETTI, 2000, p. 58) O geógrafo alemão Friedrich Ratzel, partindo desse mesmo contexto positivista, afirmava que: “a

densidade populacional produz não somente continuidade e certeza de um forte crescimento mas também um imediato progresso da civilização (...). (RATZEL, 1891 apud GALETTI, 2000, p. 59)

Cruzar o rio Uruguai não significava somente cruzar uma fronteira política, era também o momento onde se manifestava a questão da alteridade, era o ato de confrontar o “outro” brasileiro no outro lado do rio. Para Tzvetan Todorov - estudioso da temática de alteridade - a construção de uma identidade só existe a partir de uma premissa de comparação do “eu” com o “outro”. (TODOROV, 1983) É justamente no momento simbólico de cruzar o Uruguai que o sentimento de argentinidade é manifestado por Ambrosetti:

*Al otro día, debía cruzar al Brasil y quién sabe hasta cuando no volvería a ver un pedazo de suelo argentino.*

*La Idea de ser extranjero en un país extraño, tan distinto e usos costumbres, me hacía en ese momento querer mas mi tierra y pensaba en el porvenir grandioso que tendrá la region que acababa de recorrer en tan pocos dias. (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 29)*

Ao penetrar no interior do Rio Grande do Sul, o viajante descreve o “outro” sempre tendo como referência a sua própria identidade, seja no aspecto positivo, seja no aspecto negativo. Tal identidade ia mais além de uma questão meramente nacional, Ambrosetti diferenciava-se também por ser um homem “civilizado”, culto e avesso às superstições populares. Quando esteve em São Miguel das Missões, assim descreveu o que considerava como um costume peculiar por parte da população local, a lenda do Lobisomen:

*La leyenda del Lovisoma está muy en boga y todos la creen á pies juntos; muchas personas, serial al parecer, están convencidas de su verdad.*

*(...) y ha habido casos de haber ido algunos vecinos á la autoridad para pedirle que hiciera desalojar á tal ó cual individuo que era una amenaza y un peligro para ellos por que era Lovisoma, y tener ésta que hacer grandes esfuerzos para tratar deconvencerlos que no existe tal cosa; pero los tales vecinos vuelven á insistir y el pobre Lovisoma tiene que abandonar el lugar.*

*Hasta la poesía popular se ha encargado de cantar la fatalidad del lovisoma en versos como estos:*

*Dentro en meu peito tenho*

*Uma dôr que me consomme;*

*Ando cumprindo ó meu fado*

*En trages de lobizome. (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, pp. 54-55)*

Embora Ambrosetti não tenha mencionado o crédito da autoria do poema, cabe assinalar que se trata de uma citação a João Simões Lopes Neto, escritor gaúcho do século XIX, autor de uma grande produção literária sobre a cultura gaúcha e suas tradições. Se por um lado, o olhar do viajante é depreciativo, por outro lado, encontramos um rico relato das tradições gaúcho-brasileiras que pode ser muito valioso para os estudos de história regional.

Quando Ambrosetti reconhece o outro como semelhante, acaba por projetar a sua própria identidade, isso acontece quando nota semelhanças entre a cultura gauchesca nos dois lados da fronteira. No entanto, o termo brasileiro acaba por dar lugar ao “*Rio Grandés*”:

*El campesino Rio Grandés, es un tipo muy parecido á nuestro gauchó; muy de á caballo, valiente, sufrido, enérgico, vive en el campo trabajando en las estancias; tiene siempre buenos caballos de silla y sobre todo muy bien cuidados.* (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 69)

*Son muy aficionados á bailar y sobre todo á cantar con guitarra, y sus poesías son muy parecidas á las de nuestros paisanos. Las hay muy apasionadas, otras llenas de sentimiento, otras jocosas, otras de sátira mordaz. Muchas veces acostumbrado ya al portugués, al oírlos cantar, me parecía oír á nuestros criollos.* (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 69)

Também existe outro olhar, onde as categorias nacionais caem por terra na medida em que a categoria “misionero” englobava ambos os lados da fronteira no rio Uruguai. Nesse caso, Misiones deixava de ser somente uma parte da Argentina e dava lugar ao “mundo misionero”, englobando os dois lados da fronteira devido à herança comum do passado jesuíta, característica essa que o viajante atrelava à barbárie, era um mal que deveria ser erradicado de toda a região. Assim se manifestou Ambrosetti no momento em que esteve na Colônia Militar do Alto Uruguai:

*(...) en Misiones se necesita sangre nueva, hombres en cuyas fibras no se encuentre la herencia de la semilla de plomo sembrada por los Jesuitas, hombres que sacudan la inercia y la apatia que inculcaron con su dominacion despótica de 100 años. Ese es el defecto y la desgracia de toda la región misionera que por un hombre inteligente despreocupado y activo que se encuentra, uno tropieza con 200 negligentes, apáticos y llenos de ridículas preocupaciones.* (AMBROSETTI, Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay, 1892, p. 65)

## O Alto Paraná

Se no primeiro relato o enfoque é a região do Alto Uruguai, nas outras duas expedições o recorte geográfico mudou para o Alto Paraná, lugar onde naquela altura ainda não existia uma fronteira oficialmente delimitada entre Brasil e Argentina, ao contrário da primeira região visitada onde as linhas imaginárias que dividem os espaços nacionais já estavam definidas desde o século XVIII.

O que unificava a visão de Ambrosetti a respeito das duas regiões era o fato de que em ambos os lugares o lado argentino carecia de ocupação humana. Para ele, o lado brasileiro assinalava que a nação vizinha estaria à frente na corrida pelo processo civilizatório, são essas as impressões que registra ao cruzar a fronteira, no momento da chegada à Colônia Militar do Iguazu: <sup>11</sup>

*En la Colonia se notaba bastante movimiento. Aquel Pueblo formándose en medio de la selva virgen tenía algo de norte-americano.*

*Por todas partes el sonido seco del hacha al herir los árboles, el ruido terpitante finalizado con el golpe rudo junto con la quebrazon de ramas de estos al caer, semejante á una fuerte detonación, los gritos de trunfo de los hacheros, el chisporroteo de los rozados al arder, semejante á un fuerte tiroteo entre espesas columnas de humo y al lado de eso, las sierras, martillos, etc., funcionando en la construcción de los ranchos, y el chillido de las alzaprimas tiradas por bueyes transportando madera, llenaba de animación en la construcción de los ranchos(...)*

*Ese espectáculo era muy bello para que no dejase de mortificarme al compararlo con el otro salvaje que ofrecia la costa Argentina del otro lado del Iguazú, cuando un poco de buena voluntad de parte del Gobierno Nacional podria hacerse en muy poco tempo lo mismo y más. (AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, pp. 133-134)*

No rio Paraná, a costa argentina ainda considerada como “bárbara” pelo viajante,urgia pelo processo civilizador, e Ambrosetti cobrava medidas por parte de seu governo. Se pelo lado brasileiro da fronteira o Estado já se fazia presente, no lado argentino a falta de presença estatal chamou a atenção do viajante. Nesse sentido, era uma situação parecida com a que foi relatada no Alto Uruguai.

Outra similaridade entre as duas regiões era justamente o que tocava a questão geopolítica. O fato de existir uma colônia militar no lado brasileiro da fronteira no Alto

---

<sup>11</sup> Núcleo urbano que deu origem a cidade de Foz do Iguazu, a Colônia Militar do Iguazu foi fundada em 1889 sob a égide da administração militar do Império Brasileiro. Era parte de um amplo projeto de assegurar o domínio brasileiro nas regiões de fronteira. (FREITAG, 2007)

Paraná em contraste com o lado argentino, sem ocupação, alertava o viajante para uma situação desvantajosa no caso de um conflito armado com o país vizinho:

*Si mañana ó pasado, cosa que no debemos desear, la fatalidad nos impele é una guerra internacional con nuestros vecinos ¿para qué nos servirán nuestros soldados cuando tengan que batirse en terrenos que no conozcan?*

*¿Es posible que el que nunca haya permanecido en las montañas, pueda logo operar con éxito en los Andes?* (AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, p. 110)

Convém assinalar que, provavelmente, o olhar do viajante estava influenciado pela conjuntura da Guerra da Tríplice Aliança, embora tenham sido aliados no conflito contra o Paraguai, o contexto do pós-guerra caminhava em uma direção que colocava Brasil e Argentina com aspirações antagônicas na região do Prata. Alguns anos antes de Ambrosetti escrever seus relatos sobre Misiones, o presidente Roca considerava inevitável uma guerra com o Brasil devido a uma contraposição de interesses entre ambos países. Do lado brasileiro, o Barão de Cotegipe, importante figura política do Império Brasileiro, defendia a necessidade de uma “paz armada” em meio ao fervor da imprensa brasileira que acreditava em uma iminente guerra. (ZUCCARINO, 2014, p. 17)

No entanto, ao mesmo tempo em que o vizinho era um possível inimigo, era também um exemplo a ser seguido. Da mesma maneira que descreveu minuciosamente a Colônia do Alto Uruguai, Ambrosetti também o faz com a Colônia Militar do Iguazu, dedicando todo um capítulo intitulado “*La colonia Militar Brasileira del Iguazu*” para relatar as atividades dos brasileiros na região. Para Ambrosetti, as autoridades de Buenos Aires deveriam tomar nota dessas informações e realizar o processo civilizatório na fronteira argentina. Era de fundamental importância seguir o exemplo brasileiro e instalar colônias militares, tanto no rio Uruguai, quanto no Paraná:<sup>12</sup>

*En ambos rios, una colonia militar dotada de amplias franquias al principio, absorberían las poblaciones cercanas (...)*

*Con poco trabajo y empleando los soldados como hacen los brasileiros, se mantendrían limpias las picadas y se abrirían otras nuevas, más racionales buscando desvíos y evitando los altos cerros, para transformarlas en carreteras, cosa que creo posible (...)*

---

<sup>12</sup> Antes mesmo de escrever essas palavras, Ambrosetti apontava tal preocupação em um artigo escrito para o diário portenho La Prensa. AMBROSETTI, Población de Misiones: Colonias militares. “La Prensa,” 21/12/1892 e republicado no Boletín del Instituto Geográfico Argentino. Tomo XIII.

*Me consideraría feliz si estas indicaciones prácticas y sugeridas nada más que por el simple deseo de servir á la patria; fuesen leídas y tomadas en consideración...*  
(AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, pp. 111-112)

Agora, perpassando a questão meramente geopolítica: qual seria a visão do “outro” brasileiro relatado por Ambrosetti no Alto Paraná?

Cabe elencar que se tratava de um contexto geográfico distinto do Alto Uruguai, onde predomina a pampa. No Alto Paraná não existia o típico gaúcho brasileiro, essa região de selva era conhecida como a “*pátria de la yerba mate*”<sup>13</sup> onde vivia a “população ervateira” que servia como mão de obra nos ervais, sendo composta por elementos dos três países da região.

No segundo relato, quando o viajante descreve a população local, existem momentos em que existe uma sensação de que as fronteiras nacionais não importam mais. Eram basicamente “*peones*” ou simplesmente, população ervateira. Não lhe importava a sua condição nacional, mas como essas pessoas poderiam ser úteis na exploração capitalista em meio ao contexto do avanço da fronteira econômica pela região. Se por um lado, a condição de “explorado” é claramente salientada pelo viajante, ao mesmo tempo, há uma espécie de encanto pelo “bárbaro”, similar a que foi manifestada por Sarmiento em sua clássica obra *Facundo: Civilización y barbarie*. Existem interpretações que não colocam civilização e barbárie, tese apresentada por Sarmiento em *Facundo*, como uma dicotomia de termos opostos. A explicação estaria no “e” do “civilização e barbárie”. De acordo com essas interpretações, seriam termos complementares e não opostos.<sup>14</sup> Os defensores da teoria de que Sarmiento não considerava civilização-barbárie como uma dicotomia de opostos, citaram a maneira como ele descrevia o baqueano - pessoa conhecedora dos caminhos de uma região a que habitualmente pertence - como um personagem indispensável para o processo civilizatório: “*El Baqueano es un gaucho grave y reservado que conoce a palmos veinte mil leguas cuadradas de llanuras, bosques y montañas. Es el topógrafo más completo, es el único mapa que lleva un general para dirigir los movimientos de su campaña.*” (SARMIENTO, *Facundo: Civilización y barbarie*, 2007, p. 54)

---

<sup>13</sup> Referência à obra *El Río Oscuro*, do escritor argentino Alfredo Varela (VARELA, 2008)

<sup>14</sup> Ver o prefácio escrito por Ricardo Piglia para a edição brasileira de *Facundo*: (SARMIENTO, *Facundo ou Civilização e Barbárie*, Trad. e notas de Sérgio Alcides; prólogo de Ricardo Piglia; posfácio de Francisco Foot Hardman, 2010, pp. 9-41)  
Ver também (MÁDER, 2006, pp. 130-131)

Indo nessa mesma direção, Ambrosetti descreveu a população local como elemento indispensável para o processo civilizador argentino a ser realizado na fronteira misionera:

*En esas alturas la ciencia no vale nada y los únicos que pueden sacarlo á uno de apuros son los peones.*

*Los peones del Alto Paraná son curiosos. En su mayor parte paraguayos, correntinos ó brasileiros, se conchaban para todo trabajo; tanto sirven para manejar una canoa, lidiar con mulas ó bueyes, cargar á hombro, trabajar en el monte, cocinar y hasta cazar tigres cuando se ofrece.*

*Al ser contratados para el Alto Paraná ya se entiende que es para todo trabajo y uno no tiene más que mandarlos.*

*Es gente dócil, de buena índole, servicial cuando se sabe tratarla pero fácilmente inútil si nota en el patrón orgullo ó falta de consideración.*

*Por eso digo y aconsejo á todos los que hagan expediciones, que sepan con disimulo y habilidad, captarse las simpatías de esa pobre gente, que tanto la merece se si tiene en cuenta lo penoso de los servicios y los múltiples peligros á que constantemente se halla expuesta.*

*En trabajos fuertes debe se calcular en dos á dos medios kilos diarios la mantención de un peón; fuera de un poco de caña que se les debe distribuir en los momentos álgidos de los trabajos para animarlos un poco, sobre todo cuando hace mucho calor y trabajan mojados en el agua.*

*En este clima que deprime á veces, el alcohol tomado en pequeñas dosis es un estimulante saludable, que el peon agradece inmensamente. (AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, pp. 38-39)*

O quesito nacionalidade voltou à tona quando Ambrosetti se encontrou com o seu semelhante no outro lado da fronteira, mas não se tratava do gaúcho, pertencente à outra circunstância geográfica. O viajante encontrava os seus na medida em que se relacionava com os dirigentes da Colônia Militar, membros da burguesia brasileira que Ambrosetti reconhecia como verdadeiros “*caballeros*” (AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, p. 108) ou como “*excelente personas, sumamente amables é ilustrados*”. (AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, p. 133) Tratava-se de goiano Edmundo Xavier de Barros - diretor da colônia militar - e do médico sergipano Benjamin Fernandes da Fonseca, membro do corpo de saúde do exército brasileiro, o qual é mencionado da seguinte maneira: “*El Dr. Fonseca me há referido curas maravillosas...*” (AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, p. 139)

Tratava os seus ilustres amigos brasileiros como iguais na medida em que os reconhece como parte de uma elite intelectual da qual o viajante também se sentia fazer parte. Nesse caso, a comunidade científica transpassa as fronteiras nacionais. Isso é nítido quando menciona de forma constante o diretor da colônia como um dos seus, o descreve inclusive como sendo um colega antropólogo: *“En la Colonia Militar descubri junto com el Alférez Edmundo Barros las urnas funerarias de los antiguos habitantes del Alto Paraná...”* (AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, p. 139)

O militar brasileiro recebeu todos os louros possíveis por ter nomeado os saltos das Cataratas do Iguaçu, não somente do lado brasileiro, como também os saltos do lado argentino:<sup>15</sup>

*El há bautizado los saltos brasileiros dándoles los nombres de los prohombres de la gran República Brasileira, no olvidándose de indicar los que le corresponden á los nuestros, con un acierto tan feliz, que desde ya los propongo. El primero: Salto Argentino, luego el Salto San Martín y para el del medio Salto Unión Americana.* (AMBROSETTI, Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú, 1894, p. 130)

Se nesse momento, os laços de fraternidade parecem ser latentes para com o país vizinho, a ameaça da expansão da *“gran República Brasileira”* é evidenciada no terceiro e último relato de Ambrosetti. Uma das preocupações registradas nesse relato refere-se à expansão da influência do idioma português pelo lado argentino. Segundo o viajante, tal fato não se restringia apenas à área de fronteira. San Ignacio, na parte ocidental de Misiones, é descrita como uma localidade onde impera o idioma português:

*En San Ignacio casi no se habla más que el portugués, la mayor parte de los pobladores son brasileiros y por eso en casa de don Marcelino no se oía sino ese idioma (...)*

*El portugués se impone por la masa de población brasileira que lo habla, y como los argentinos que allí viven pertenecen en su mayor parte a la provincia de Corrientes, y por lo tanto son poco versados en el español, a causa del guaraní, prefieren aprender mal el portugués que es el único idioma con el que pueden hacerse entender con quienes tienen que estar en contacto.* (AMBROSETTI, Tercer Viaje a Misiones, 2008, p. 75)

---

<sup>15</sup> Interessante apontar que, alguns anos depois, Edmundo Barros protestou contra a Argentina durante o processo de delimitação dos saltos entre Brasil e Argentina em 1910. (KARPINSKI, Vol 15 - 2º semestre de 2011)



### **Algumas conclusões**

Se por um lado, a questão geopolítica do alerta do avanço brasileiro unificava a visão de Ambrosetti a respeito das duas regiões visitadas em Misiones, de outro lado, temos distintas visões a respeito do “outro” brasileiro para cada região.

No Alto Uruguai, a questão da alteridade sofre transformações na medida em que o viajante encontra proximidades entre o “eu” e o “outro” através da cultura gaúcha existente em ambos os lados da fronteira. No caso do Alto Paraná, a questão da alteridade é bem demarcada, justamente por aí não existir uma proximidade com a cultura gaúcha. A exceção é feita quando Ambrosetti encontra os seus pares “cientistas” na Colônia Militar do Iguazu.

Também existem os momentos em que as categorias nacionais deixam de existir para o viajante. No caso da região do Alto Paraná, era a população ervateira, já no Alto Uruguai, por vezes foi mencionada a categoria de “misionero” para designar a população residente em ambos os lados da fronteira.

A conquista da fronteira do Alto Paraná era uma questão ambígua para a Argentina, avançar selva adentro representava a conquista efetiva de um território litigioso com o Brasil. No entanto, a legislação que Buenos Aires impunha sobre Misiones - no que tocava a exploração da erva mate - prejudicava o povoamento da região leste misionera, além de ir contra as prerrogativas de povoamento defendidas por Ambrosetti. As leis que proibiam o povoamento das áreas próximas aos ervais tiveram como consequência direta a perda do território litigioso para o Brasil. Isso explicaria o fato do presidente Cleveland ter usado a teoria do *Uti Possidetis*<sup>16</sup> para justificar a maior presença de brasileiros na zona litigiosa (AMABLE, *Historia de la Yerba Mate en Misiones*, 1989, p. 137) e ter arbitrado a favor do Brasil pouco tempo depois da passagem de Ambrosetti pela região.

### **Bibliografia**

AMABLE, M. (1989). *Historia de la Yerba Mate en Misiones*. Posadas: Ediciones Montoya.  
AMABLE, M., ROJAS, L., & BRAUNIG, K. (2011). *Historia Misionera: una perspectiva integradora*. Posadas: Montoya.

---

<sup>16</sup> *Uti Possidetis* é um princípio de direito internacional segundo o qual os que de fato ocupam um território possuem direito sobre este. A expressão advém da frase *uti possidetis, ita possideatis*, que significa "como possuís, assim possuís". Proveniente do direito romano, o princípio autoriza uma parte a contestar e reivindicar um território.

- AMBROSETTI, J. (1892). *Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay*. La Plata: Talleres de Publicaciones del Museo.
- AMBROSETTI, J. (1894). *Misiones - Segundo Viaje por el Alto Paraná é Iguazú*. Buenos Aires: Publicado en el Tomo XV del Boletín del Instituto Geográfico Argentino.
- AMBROSETTI, J. (2008). *Tercer Viaje a Misiones*. Buenos Aires: Editorial Albatroz.
- BOLSI, A. (1980). El Primer Siglo de Economía Yerbatera. *Folia Historica del Nordeste*, págs. 123-182.
- BRUNO, P. (2004). Un balance sobre los usos de la expresión generación del 80, 1920-2000. *Seminario Permanente del Departamento de Humanidades* (págs. 1-35). Buenos Aires: Universidad de San Andrés.
- COMTE, A. (1989). Curso de Filosofía Positiva. En E. MORAES FILHO, *Comte*. São Paulo: Ática.
- FREITAG, L. (2007). Impressões de um dirigente: relatos e relatórios da Colônia Militar de Foz do Iguaçu nos anos de 1897-1898. *Revista de História Regional do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG*, págs. 191-224.
- GALETTI, L. (2000). *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social – FFLCH/USP.
- KARPINSKI, C. (Vol 15 - 2º semestre de 2011). Paisagem, Meio Ambiente e História: Cataratas do Iguaçu e Recursos Florestais na História do Paraná (1905-1914). *Tempos Históricos*, págs. 45-81.
- LEITE, M. (1997). *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- MÄDER, M. (2006). *Civilização e Barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai*. Niterói: Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia-UFF.
- MONIZ BANDEIRA, L. A. (2004) *Argentina, Brasil y Estados Unidos. De la Triple Alianza al Mercosur. Conflicto e integración en América del Sur*, Buenos Aires, Grupo Editorial Norma.
- OLMEDO, E. (2006). El silencio militar en la frontera del Río Cuarto a mediados del siglo XIX. Una clave para comprender el conflicto. *Revista Tefros*, págs. 1-18.
- PRATT, M. (1999). *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC.
- SARMIENTO, D. (2007). *Facundo: Civilización y barbarie*. Buenos Aires: Centro Editor de Cultura,.
- SARMIENTO, D. (2010). *Facundo ou Civilização e Barbárie, Trad. e notas de Sérgio Alcides; prólogo de Ricardo Piglia; posfácio de Francisco Foot Hardman*. São Paulo: Cosac & Naify.
- TODOROV, T. (1983). *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes.
- TURNER, F. J. (2004). O significado da fronteira na História Americana. En P. KNAUSS, *Oeste Americano*. Niterói: Editora da UFF.
- VARELA, A. (2008). *El Río Oscuro*. Buenos Aires: Capital Intelectual.
- ZOUVI, S. (2010). *La Federalización de Misiones*. Recuperado el 5 de Janeiro de 2013, de historiapolitica.com: <http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/tn13.pdf>
- ZUCCARINO, M. (2014). Competencia y rivalidad argentino-brasileña en el Paraguay tras la Guerra de la Triple Alianza. *Revista de História da UEG*, 1-29.